



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Maria de Queiroz Casara FG197
BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.030.SIN-TRA

Entrevistado/a: Maria de Queiroz Casara

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 23 de janeiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

A formação e a carreira de sua mãe, professora Marianinha (Anna Maria Rath de Queiroz). Colégio Cristóvão: evolução (Colégio elementar José Bonifácio, Colégio Duque de Caxias), curso de magistério, diretoras (Dona Rosalva). A mãe Anna Maria: exemplo.

Questão da disciplina e liberdade em sala de aula. Relacionamento entre a professora Marianinha e seus alunos.

Considerações sobre as funções e responsabilidades do professor. Considerações sobre aprendizagem.

Homenagem do município à professora Marianinha: Escola Municipal de Ensino Fundamental Marianinha Queiroz (Ana Rech).

História de vida: Eusébio Beltrão de Queiroz

Dificuldades do magistério à época.

Considerações sobre a situação do ensino atualmente. Qualificação dos professores.

Considerações sobre a importância dos exemplos que deixamos.

Transcrição:

Maria: Eu me chamo Maria de Queiroz Casara, sou filha de Anna Maria Rath de Queiroz, mais conhecida, durante toda sua vida, por professora Marianinha. E a respeito dela, nesse programa que o Museu, o Arquivo, através das pessoas aqui presentes, estão, do Banco de Memória, dentro do “Projeto Vozes da Terra”, que eu aqui me encontro... para falar um pouco sobre a minha mãe. Acho, tirando assim a familiaridade, a afetividade de lado, que realmente é uma pessoa merecidamente lembrada. Porque foi, durante toda a sua trajetória, foi vibrante o seu trabalho, foi muito intenso, foi intenso assim, falando verticalmente e foi extenso na horizontalmente dele. Isso

tudo faz com que eu apenas sinta uma emoção muito grande por eu estar aqui. E vou comentar alguma coisa a respeito dela, falando que ela nasceu em Lages, ela era catarinense, nasceu em dezoito de abril de 1906. Fez seus estudos em Porto Alegre e, em 1922, ela completou o curso complementar em Porto Alegre. Apesar de ter sido o seu grande desejo tirar o curso de Direito. E depois, durante toda sua vida, pelos acontecimentos diários, nós todos víamos que realmente, além das qualidades didáticas que ela possuía, ela teria sido uma grande advogada. Quer dizer, o Direito perdeu, mas o magistério ganhou. Ela teve, para ser efetivada, que trabalhar um ano, e ela deu aula em São Francisco de Paula. Após esse ano, como ela foi, conseguiu ser efetivada, após lecionar durante um ano, ela conseguiu uma remoção para Caxias. E essa sua primeira turma, ela contava, que eram de oitenta alunos, coisa que hoje é inexistente nas escolas e até é considerado antipedagógico. Mas eram oitenta alunos! Consequentemente disciplinados, porque seria impossível manter uma disciplina em aula se as crianças também na época não fossem tão dóceis. Pelo menos para época de então, para os anos vinte, obediência era algo que era exigido. Confundia-se, talvez, com respeito, hoje se diz que obediência não é sinal de respeito, mas sinal de medo. Sendo ou não verdade, se conseguia muito naquela época, pelo menos é o que ela retratava. Conseguia disciplina, conseguia atenção, conseguia uma aproximação dos alunos, muito carinhosa, muito afetiva e consequentemente um resultado pedagógico muito satisfatório, muito satisfatório, com índices assim de reprovação muito baixos. O oposto do que existe hoje. A vida muda, fatores e circunstâncias se alteram, nós todos sabemos que é próprio da evolução, mas até que ponto alguns aspectos vieram para melhor, ainda há uma grande interrogação. Ainda é. Então retornando a situação de professora de início de magistério, ela começou com uma primeira série alfabetizando alunos. E isso, esse trabalho, essa dedicação, esse dar de si fez, dito por ela mesma, com que ela esquecesse a sua vocação para o Direito. Ela passou a se dedicar realmente a dar aula como professora primária, primeiro grau, como dizem hoje. E ela veio para Caxias para trabalhar no Colégio Elementar, na época chamado José Bonifácio, que depois passou a ser a escola Duque de Caxias, depois se mesclou com o Cristóvão, e hoje nós ficamos apenas com o Cristóvão [Instituto Estadual Cristóvão de Mendoza], inclusive com o curso de magistério dentro do próprio Cristóvão, onde eu também dei aula. Em 1924, então isso aconteceu. E por vinte e dois anos ela trabalhou no primário. Ela foi assim, professora primária durante todo esse tempo. Ela teve diretoras maravilhosas, sempre citava o nome de Dona Rosalba Hipólito, que era uma pessoa assim de uma grandeza muito grande, de uma inteligência muito grande, de um descortino também muito grande e a minha mãe gostava dessas qualidades também, ela gostava. Ela depois passou a lecionar no curso secundário. Era para ter feito o concurso, mas ela acabou tendo sido efetivada, tá, por constituição e não fez concurso e passou a ser, da Dona Rosalba, que era então diretora, o braço forte. Era ela que

resolvia assim os problemas que surgiam na escola, a ela era dirigida todas problemáticas até então que surgiu lá naquela fase. E ela era uma pessoa assim muito dinâmica, sempre foi, muito enérgica, muito dinâmica, muito capaz e era uma autodidata. Ela resolvia, ela era muito exigente. Exigente, mas antes de ser com os outros, ela era consigo própria, ela dava muito de si, exigia muito de si. Achava que tinha que dar o máximo, principalmente pela situação em que ela se encontrava de não haver feito o concurso e de estar dando aula num curso secundário sem ter prestado concurso na época. Mas foi realmente por necessidade e por merecimento. E ela passou depois a dar aula no curso magistério, quando foi criado o magistério, e aí foi eu acho aonde ela se realizou de uma forma muito grande, dando aula de português e de literatura. É, como hoje, as ex-alunas dela lembram a “professora Marianinha”, dando aula de português e literatura no curso normal. Ela tomava a si os problemas das alunas, incorporava-os e tentava resolvê-los, ela usava uma didática toda especial: ela se chegava ao aluno e com ele ela fazia o aluno crescer.

Sônia: As pessoas comentam assim “Ah, eu aprendi português com Dona Marianinha!”

Maria: Aí não esqueceu mais.

Sônia: E não esqueceu mais, isso mesmo, as pessoas diziam isso.

Maria: Realmente, realmente. Eu também fui aluna dela, durante dois anos do curso normal fui aluna dela, consigo separar um pouquinho assim a parte de filha e de aluna e, junto com as alunas, eu digo a mesma coisa: o que eu aprendi com ela, eu não desaprendi, pelo contrário, me sinto assim muito firme muito dona dos meus conhecimentos naquilo que ela me passou. Tenho uma segurança muito grande, que eu acredito que a maioria das alunas dela também tenham. Além disso, ela também partilhava, ela mantinha um relacionamento com os alunos assim muito bom, apesar da energia, porque se nós contarmos hoje como ela era enérgica, as pessoas vão dizer “Ah, eu não gostaria de ter sido aluna dela!” Porque hoje se dá muito mais liberdade, mas na realidade se tivesse sido, se ela hoje estivesse aqui eles iriam gostar, porque era uma energia assim necessária ao bom andamento de uma aula. Porque ninguém aprende dentro de uma sala de aula, eu também sou professora, eu trabalhei vinte e sete anos dando aula, lecionei treze no curso primário também, os demais foram também no magistério no Cristóvão, atendendo normalistas. Atendi estágios de normalistas, dando didática geral e, nestes estágios também, a gente pode verificar *in loco*, com cada aluna, que a disciplina é algo extremamente necessária, ninguém consegue aprender num ambiente de confusão, de desordem, de anarquia de cada um faz o que quer. Porque de uns tempos para cá, a disciplina mudou mas num sentido assim de excesso de liberalidade. As pessoas talvez não estivessem, como ainda em alguns casos não estão, preparadas e amadurecidas para usar a sua liberdade. Então, a liberdade tentada a dar, ela virou em liberalidade, em anarquia, e ninguém

consegue assimilar nada num ambiente anárquico. Não se consegue! Então voltando, isso não é saudosismo, não é saudosismo, embora ela seja minha mãe, embora eu tenha sido aluna dela, eu também fui professora, estou mesmo relatando, atendi também estagiárias, também me gratifiquei muito com esse trabalho, muito mais do que eu imaginava, porque além do trabalho com a aluna em si normalista, era o trabalho que elas faziam com os alunos dela e, que nós avaliávamos, supervisionávamos, dávamos sugestões, mantínhamos também um relacionamento assim muito amigável. E daí todas nós crescímos, principalmente até nós professores crescímos muito com o contato com os alunos. Então isso era necessário, era necessário. E a mãe também mantinha, como professora, assim ela tinha uma exigência muito grande, como eu disse, mas ela era muito amiga, muito responsável e muito solícita. Ela foi professora de três gerações aqui em Caxias, ela lecionou durante cinquenta e três anos e, nestes cinquenta e três anos, através de três gerações, as pessoas na sua grande maioria, como inclusive vocês duas estão assim constatando, que já tiveram a oportunidade de conversar com outras pessoas ex-alunas, as pessoas gostavam muito dela, além de tudo, o respeito que tinham pela sua figura. Porque atrás disso havia assim, atrás dessa energia uma simplicidade muito grande, ela era uma pessoa autêntica, ela não tinha vaidades, ela não sentia orgulho nem da sua própria posição, nem de ser assim a mestra, entre aspas, como ela era chamada aqui em Caxias. Ela não sentia orgulho dessas coisas, mas ela se vangloriava principalmente com o resultado que ela conseguia junto com seus alunos. Isso sim era muito interessante! E ela lutava para que o aluno aprendesse, ela não despejava conhecimentos em cima dos alunos, ela fazia, procurava entender qual era a dificuldade, qual era o ponto fraco de cada criatura. Uns é algum problema na linguagem escrita, outros na linguagem falada, outros problemas, até aqui na nossa região da origem que dificultava também a linguagem verbal e escrita, então, ela sabendo, identificando o problema ela se chegava ao aluno e tentava fazer com que ele assimilasse, através da sua dificuldade pudesse ir crescendo, e acabava aprendendo. Ela não se conformava que alguém passasse pela suas mãos e que não fosse aprovado! E hoje o que nós vemos, através da própria Delegacia de Ensino, de diretoras e professores que estão ainda ativos no seu trabalho, é exatamente o oposto. É um volume de reprovações tão grande, tão grande que há interrogações constantes: aonde está a culpa disso? É o aluno que é fraco demais? É o professor que não tá correspondendo? É o ambiente de casa que não ajuda? É a soma disso tudo? São os professores talvez mal preparados? É a falta de idealismo? É a remuneração? Talvez até seja, mas eu acho que isso não justifica.

Sônia: Não só isso.

Maria: É. Porque a minha mãe também sempre dizia, o magistério nunca foi uma classe muito bem remunerada, isso todos nós sabemos, mas isso não justifica! Porque aqueles que se dedicam a trabalhar com alunos, com criança, adolescentes ou adultos, têm que saber que precisam dar de si. E as pessoas realmente, têm tantas coisas que a gente pode fazer na vida, nós mesmos quando deixamos de trabalhar encontramos outras atividades, que se não estão assim totalmente satisfeitas, se não estão corresponde com aquilo que recebem, com aquilo que devem dar, precisam encontrar uma outra maneira de realização. Eu também penso assim. Agora, no momento em que nós enfiamos a camiseta de uma atividade, incorporamos aquilo na nossa vida, nós precisamos dar o máximo de nós, mas o máximo mesmo! E isso minha mãe fazia com louvor, com louvor! As alunas gostavam demais das aulas dela. Ela tinha problemas de disciplina, muita gente achava? Não! Não que nunca tivesse, ela contornava os problemas de disciplina e acabava não tendo. Porque o aluno acabava compreendendo que aquela disciplina era necessária para o seu aprendizado; ele não recebia só as coisas mastigadas; ele precisava elaborar, raciocinar e crescer. E todos nós sabemos, nós adultos sabemos, que o crescimento se faz de dentro para fora e não de fora para dentro. Se alguém quiser nos impingir algum conhecimento sem o nosso consentimento e a nossa boa vontade, nós não vamos assimilar. O crescimento vem de dentro para fora, ele brota. E para despertar isso, é que são necessário bons professores. E eu acho, acredito, através de tantos anos de experiência também como aluna, como professora, dei aula também de didática geral na universidade de Caxias durante nove anos, acho que realmente são muito importantes as técnicas didáticas, são muito importantes todos, todos os fatores que contribuem para um bom aprendizado e, nós professores precisamos estar a par deles. Mas existe um fator que é primordial, que é a boa vontade de ambas as partes: um querer dar de si e outro querer assimilar e querer crescer. Sem isso é meio difícil que consigamos atingir assim objetivos maiores, né? Ela também, muitas vezes, através do diálogo e da aproximação que tinha com as alunas, eu digo alunas mais no feminino porque no magistério era quase que exclusivamente alunas, meninas, ela também servia, muitas vezes, como moderadora entre atritos familiares de mães e filhas, de pais e filhos, porque o conflito de gerações sempre existiu através de todas as épocas, nós sabemos que sempre existiu e que vai continuar existindo. Mas a mãe conseguia muito se colocar na posição do jovem e apreciar as coisas do ponto de vista do jovem. Então, ela fazia também um trabalho, muitas vezes, junto com as famílias dos alunos e conseguia aproximar muitas vezes aquilo que estava afastado. E esse trabalho marca. É por isso que as alunas dela têm um grande carinho por ela. Isso marca! Marca mesmo. Ela sempre amou seu trabalho acima de tudo, e ela sempre zelou demais pela correção da expressão oral e escrita. Ela não admitia que alguém errasse depois de ter aprendido com ela, tinha que se sair bem nas situações. Então ela exigia, mas dava de si, né? Depois da sua, através do Governo do Estado, ela recebeu em

[19]82, um pouco antes de falecer, três anos antes, uma comenda de professor emérito do Estado, mas ela nem quis ir receber, ela não gostava dessas coisas; foi uma de nós. Ela nunca gostou de homenagem, ela diversas vezes rejeitou até certos aparatos e certas homenagens que queriam lhes prestar. Ela, teve uma escola, o município também prestou uma homenagem a ela através da escola Constituição, ali em Ana Rech. Era, é uma escola ainda de primeiro grau incompleto municipal e a biblioteca da escola recebeu o nome dela, “Biblioteca Marianinha de Queiroz”. E ela ficou muito feliz com isso, isso sim a deixava feliz, e ela passou também a considerar a biblioteca e a escola como coisas dela e, consequentemente as professoras de lá também e os alunos de lá também. Então ela passou a prestar assim uma assistência muito grande a tudo que era de lá, material: material, intelectual, livros dela iam pra lá, móveis dela iam pra lá, as professoras que tinham alguns problemas, vinham a casa dela resolver também os seus problemas, e os alunos, também, consequentemente, recebiam sempre a ajuda dela. Depois que ela faleceu a, o município concordou, até uma atitude muito bonita, em mudar o nome da escola, que passou a se chamar, em vez Escola Constituição, Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Marianinha Queiroz. E a biblioteca continuou também, né? Então ela ficou com o nome da biblioteca e o nome na escola. E nós continuamos, de uma certa forma, na medida de possível, somos três filhas, a dar também assistência, visitar a escola, atender em algumas necessidades que eles estejam, né, necessitando, e mantemos um bom relacionamento lá também. Inclusive, o gabinete dela onde ela trabalhava foi parar na escola. Está tudo lá, o gabinete com seu armário, mesa, cadeiras e outras coisas mais. Então vocês vejam que, mesmo depois da sua morte, ela ainda continuou a receber assim homenagens... não pela pessoa vaidosa, pela pessoa muito simples, mas que gostava desse tipo de trabalho e valorizava essas atitudes. A existência dela então foi realmente de trabalho e de luta. Ela casou em 1925, com dezoito anos, com um rapagão, como ela dizia, que veio do norte, nortista meu pai, e fugiu da escola porque não queria mais estudar, né? E aqui em Caxias se deparou com a figura dela. Um bem alto, ela com a estatura baixa, se encontraram e tiveram quase vinte e cinco anos juntos. Ele faleceu seis meses antes de, das bodas de prata. Mas foi a pessoa exata que ela escolheu, foi a pessoa mais maravilhosa que se conheceu até hoje também.

Sônia: A gente fica até meio assim...

Maria: É, eu também. Ele se chamou Euzébio Beltrão de Queiroz, em Caxias todos ainda o conhecem.

Sônia: Ele foi intendente?

Maria: Ele, não, o pai dele foi intendente de Caxias, o Thomaz [Beltrão de Queiroz]. Ele teve uma vida assim de dedicação aos pobres, a SCAN [Associação Caxiense de Auxílio aos Necessitados],

ao Tiro de Guerra, a Cruz Vermelha. Ele era gerente da Caixa Econômica Federal e depois foi transferido para Porto Alegre com a gerência da caixa geral, a gerência geral da Caixa. Ele ficou doente do coração muito novo, faleceu com quarenta e seis anos, e quis voltar pra Caxias para morrer aqui, apesar de ser nortista, ele se arraigou aqui na nossa terra. Ele tinha, eu jamais vi, também não é por ser filha dele, mas eu jamais vi pessoa assim... que cativasse como ele cativava.

Susana: Tem um bairro em homenagem?

Maria: Tem um bairro, tem rua, tem o centro comunitário, tem tudo que dá assim pra ter em homenagem a ele. Ele faleceu em [19]49, com quarenta e seis anos. E ele, no trabalho da mãe, ele também sentia muito orgulho dela, era daquelas pessoas assim que valorizava o trabalho da mulher.

Sônia: Isso era raro.

Maria: Raro, é raro, né, é raro. E partilhava de tudo com ela.

Susana: Com certeza, por ela ter um companheiro assim que também...

Maria: Também, também.

Suzana: Ela desabrochou.

Maria: Ele participava de tudo, de todas as coisas que eram referentes à escola, a educação, onde a mãe estivesse trabalhando ele também estava ajudando a resolver também problemas. Incentivando, dando força, recebendo em casa, achando assim tudo maravilhoso o que ela fazia, né? E assim foi a vida dela! Só que ela perdeu o companheiro muito cedo, e ficou sozinha com filhos para educar, porque nós, filhos, custamos muito a vir. Eu sou a mais velha e foi depois de doze anos. Então, quando ele faleceu, eu tinha apenas doze anos.

Sônia: Tinha os menores?

Maria: Eu com doze; um irmão, que hoje também é falecido, tinha dez; a outra irmã com oito; e a menor com três. Quer dizer, a mãe se viu sozinha numa luta muito grande para educar a todos nós e continuar a dar aquilo que ela achava que devia, considerando a vida que eles tinham. Então, ela fez o que pôde, inclusive assumindo mais compromissos em escolas particulares, ela dava aula, além da Duque, na época era a Duque, Duque de Caxias, ela dava aula também no Artigo 99 de noite, ela deu aula no *Sacre Coeur*, no magistério, ela deu aula também no Madre Imilda também no magistério. Assim, ela assumiu muitas coisas e em todos os lugares ela era muito benquista, e ela também gostava de trabalhar em todos os lugares, ela se ajustava a filosofia de vida da escola, a tudo afinal.

Sônia: E vocês, Mariazinha, como é que sentiam a mãe trabalhando tanto?

Maria: Muito bem.

Sônia: Muito bem.

Maria: Muito bem.

Sônia: Ela conseguia...?

Maria: Sim, ela era uma pessoa, uma mãe maravilhosa, maravilhosa, como hoje a gente também tem de conseguir.

Sônia: Sim.

Maria: Nós temos de conseguir, eu acho que faz parte da mulher. Nós temos de conseguir conciliar praticamente todos os problemas, muitas vezes sendo como ela foi, a mãe e pai, arregaçando as mangas indo a luta, não escolhendo trabalho, se dedicando ao máximo a cada local, a cada coisa que fazia e, com isso ela crescia, inclusive cresceu muito sempre no nosso conceito. Nunca foi, o trabalho dela nunca foi empecilho para o nosso relacionamento, porque ela estava sempre presente.

Sônia: Na qualidade, né?

Maria: Ela estava sempre presente! Sempre! Muitas vezes carregando algum que incomodava em casa, carregando para a aula com ela. Achando soluções compatíveis com a época, mas achava, achava. Achava e ela era uma figura sempre presente, ninguém pode dizer ao contrário. Ela deu sempre muito de si, muito, muito, a vida inteira e ela sempre fez também muito, alguma coisa, e essa alguma coisa era muito, na extensão do benefício dos outros... Então isso para nós, como filhas, foi uma coisa muito importante porque nos marcou, positivamente, claro.

Sônia: E de, uma certa forma, vocês continuaram?

Maria: Olha, muito longe de ser como ela, mas a gente tem na imagem dela um exemplo. E isso é importante. Isso é importante, é muito importante. Nós tivemos dois exemplos dentro de casa.
[emoção]

Sônia: O teu pai?

Maria: É, o meu pai e ela; dois. [emoção]

Sônia: Eu fico meio assim, não sei, fico meio emocionada.

Maria: Meu pai e ela. E esses dois exemplos fazem com que a gente se sinta com uma responsabilidade muito grande.

Sônia: De continuar e crescer.

Maria: De continuar e crescer. Porque embora nós sejamos assim uma pálida luz perto da luz deles, nós temos exemplo.

Sônia: Mariazinha, alguma coisa ela [mãe] comentava pra vocês a respeito das dificuldades da época principalmente assim nos primeiros anos?

Maria: Claro, claro, as coisas não eram assim como hoje. Hoje, o material didático é coisa assim que rola, existem, imagina audiovisual hoje que jamais naquela época alguém imaginou que chegasse a existir! Então, elas lutavam inclusive com isso, não é, com material didático para trabalhar! Mas como não conheciam ainda o que hoje nós conhecemos, a falta também era relativa: tu não podes sentir falta daquilo que tu não conhece, né? Mas faziam, também, disso uma outra fonte de trabalho para poderem chegar ao aluno de uma forma mais acessível, não existia esses materiais como existem hoje. Hoje existe excesso, excesso de audiovisual, excesso de tudo, excesso de tecnologia. Então, hoje também teria que se exigir mais das pessoas para darem passos mais gigantescos e conseguirem avançar para ir também não só usando e criando coisas novas, mas estar de acordo com a nossa evolução do nosso século.

Sônia: E tu achas que a escola no caso está distante?

Maria: Eu acho, eu acho que está tudo distante. Escola distante, professores distantes, tudo distante. Acho que não há um, no meu modo de encarar, não um lado que está errado, é um somatório. Um somatório talvez até num círculo vicioso: o aluno é fraco, mas vem um professor que também não tem uma grande qualificação pra atender essa turma. E nessa falta de grande qualificação, talvez ele não tenha uma boa vontade muito grande, porque ele é mal renumerado, talvez ele nunca tenha sido tão mal renumerado e, como isso para a sua cabeça, para o seu modo de encarar é muito importante e necessário. Então, o que é que ele faz? Ele apenas cumpre muitas vezes as suas obrigações no seu horário, mas ele não carrega coisas para casa, ele não leva nem problemas... e nem nada.

Sônia: Nem tenta dar soluções?

Maria: Com raras e honrosíssimas exceções. Porque hoje também existe professores maravilhosos, não foi só minha mãe que foi. Hoje também existem essas pessoas maravilhosas que dão de si, que fazem assim do magistério uma doação constante, que procuram se atualizar, que procuram se colocar diante do aluno para fazê-lo crescer, mas no geral, o que se vê não é bem isso. Alunos deficientes, ambientes muito deficitários também, professores, um grande número deles também, sem muita vocação, sem muito idealismo. E isso torna as coisas mais difíceis. Então, o primeiro grau é fraco, vão passando pra não deixar para trás, para não deixar problemas, não quer assumir um problema, o aluno é reprovado, meia dúzia reprovado, oito, dez são reprovados. “Ah, por que

eu vou assumir isso? Outros fazem passar, eu faço também passar”?! Então o aluno vai adiante; lá adiante ele continua assim como ele era, pior ainda. E como, sabe Deus como, eles conseguem chegar, às vezes, nas faculdades. E chegam! Eu também dei aula nove anos na faculdade. E como eles chegam, não se sabe, mas chegam. E a expressão oral e escrita é péssima, cometem erros assim crassos, que não seria possível admitir nem no primeiro grau. E eles estão lá ... saindo!

Sônia: E passaram no vestibular?

Maria: Passaram e vão continuar passando, em algumas matérias mais rapidamente, noutras fazendo estágios por alguns anos, mas vão continuar indo, e vão saindo, e vão para o mercado de trabalho, onde cada vez se exige mais também especialização e conhecimento, e fica o que se vê aí, pessoas que nem desempenham a sua função, nem trabalham naquilo para o qual...

Sônia: Visavam.

Maria: Seu objetivo, a sua meta e o seu atrativo principal, fazendo outras coisas.

Sônia: É uma humanidade infeliz.

Maria: É. E que isso não pode trazer assim um sentimento de realização grande também. Não pode! Ficam pessoas desajustadas, infelizes, e atuando também com aqueles com quem atuam, muitas vezes até projetando sobre essas pessoas, os seus problemas pessoais, as suas deficiências, os seus traumas. Então isso aí precisaria, eu acho, algo muito sério, muito profundo e muito amplo. Sabe? Eu acho que, assim, algo de ordem horizontal na extensão, como eu falei antes também, e vertical na profundidade, muito grande e muito sério, para que possa haver uma retomada de posição diante do ato de ensinar, né? Não sei, já que nós estamos falando sobre o tema educação, da impressão cabe assim um comentário desses.

Sônia: Claro. Eu só queria mais duas questões, Mariazinha: histórias pitorescas do teu tempo de aluna, de professora, ou se tu te lembra alguma da tua mãe? E uma mensagem final assim baseada no exemplo de tua mãe e da tua própria experiência?

Maria: Olha, histórias pitorescas às vezes a gente nem guarda muito, sabe? Porque elas acontecem no tempo e se tornam engracadas diante de determinada fase de vida e depois, se a gente até for contá-las, elas até perderam, perderam a graça porque os tempos são outros, né? Mas uma mensagem eu acho interessante que a gente deixe. Já que nós estamos falando assim em educação acho que nós devemos passar para os nossos filhos, para todos que vem depois, deixar, temos uma obrigação de deixar uma imagem muito bonita ao nosso respeito, para que nós vejamos assim, deixemos luz no caminhos deles, porque eu acho que os nossos filhos, a geração que vem depois de nós tem que encontrar luz para seguir essa luz. Precisamos dar o máximo de nós, ter objetivos

definidos e lutar por esses objetivos com garra, com definição inclusive, com entusiasmo, com altruísmo. Temos de aceitar o outro como ele é, aprender a enxergar no nosso irmão a gente que ele é, encontrar valores aonde nós estamos, eu acho que nós temos que encontrar valores. E o trabalho com entusiasmo, eu acho que é algo que é necessário também na vida de cada um, porque nós transmitimos isso: a alegria, o entusiasmo, o bom humor são coisas que nós passamos. Acho isso muito importante, a forma como cada um é e não como ele apenas está num determinado momento. Nós temos que ser e não estar; nós temos que ser bons; nós temos que ser altruístas; temos que ser essa coisa toda, mas não apenas estarmos num determinado momento contentes ou felizes por estar fazendo isso. Não, nós temos que ser felizes, eu acho que o ser aí é muito importante; temos que nos tornar o melhor possível; cada dia que passa nós temos que ser um pouco melhores do que nós fomos até ontem e dar um passo a mais para nossa própria evolução espiritual.

Sônia: Isso aí. Marcar a nossa presença, nossa existência

Maria: Marcar a nossa existência.

Sônia: Com luz.

Maria: Nem que para isso seja preciso subir os degraus que forem precisos. Temos tentar transformar, inclusive, os problemas que todos nós temos no nosso cotidiano, temos que transformar em fontes luminosas, porque através deles nós crescemos.

Sônia: E a humanidade cresce né?

Maria: Os problemas nos fazem crescer e não estacionar, porque através deles e da luta no dia a dia é que nós conseguimos subir.

Sônia: Então tá, muito obrigada.

Maria: Imagina!

Transcrição em: 03 e 04 de junho de 1996.

Por: Maria Beatrís Gil da Silva

Revisão em: 14 de março de 2011 e 17 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 38 minutos.

Observação: